

## PREFÁCIO

*Modelos na arte: ensino, práticas e crítica – 200 anos da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro* é mais uma publicação do grupo de pesquisa *Entresséculos*, que atua no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Desde os anos 1990, suas pesquisadoras vêm se dedicando ao estudo da Academia carioca, partindo da premissa de que a retomada de tal tema representava uma ocasião privilegiada para engajar-se na revisão historiográfica da arte dos séculos 19 e 20 – prática em curso na história da arte ocidental nas últimas décadas, acompanhando o movimento contemporâneo de crítica às leituras modernistas recentes.

Tratava-se, portanto, de retomar uma literatura hoje clássica (Galvão, Mello Júnior, Barata, Pedrosa, entre outros), assumindo uma postura crítica ao fazer uma releitura da nossa Academia fora dos maniqueísmos anteriores: nem o comentário laudatório, muitas vezes vazio, nem a condenação *a priori* – refém do clichê de que tudo produzido pela Academia e pela sua sucessora Escola Nacional de Belas Artes era homogeneamente acadêmico.

Nosso interesse era, assim, analisar, no território da Academia e da Escola, as contradições que nos pareciam tão próprias da arte brasileira como um todo: a inevitável ligação com os modelos europeus, a discussão sobre a identidade nacional, a participação institucional nos projetos de construção da nação, a percepção das mudanças estéticas em torno das linguagens artísticas. Enfim, um território conturbado, com conflitos internos, longe da visão tradicional de um academicismo quieto e pacificado.

Foi dessa forma que o grupo *Entresséculos* promoveu seminários anuais desde 2010 e editou vários livros. Cada um deles pretendia destacar um aspecto peculiar dentro do largo espectro de enfoques que essa pesquisa englobava: ora o ensino propriamente dito, ora o colecionismo da instituição, ora a construção de um sistema de arte, entre outros.

No interior dessas discussões esteve sempre em plano destacado o estudo do acervo da atual Escola de Belas Artes da UFRJ: tanto o Museu D. João VI – que conserva boa parte do acervo da Academia e da Escola, obras de alunos e professores, material didático usado nos diversos ateliês, documentos escolares –, quanto a Biblioteca de Obras Raras.

Em 2016, o tema em pauta não poderia ser outro: a comemoração dos 200 anos da instituição criada em 1816 como Escola Real de Artes e Ofícios; aberta em 1826 como Academia Imperial de Belas Artes no prédio de Grandjean de Montigny próximo à atual Praça Tiradentes; transformada em 1890 em Escola Nacional de Belas Artes; transferida em 1909 para o novo prédio de Morales de los Rios na recém aberta Avenida Central, hoje Rio Branco; incorporada à Universidade do Brasil, depois Universidade Federal do Rio de Janeiro; e em 1975 transferida para a Cidade Universitária na Ilha do Fundão com o nome atual de Escola de Belas Artes.

Decidimos destacar três aspectos diferentes nessa publicação comemorativa. Em primeiro lugar, as histórias de diversas academias, suas estratégias e ensino. Em segundo lugar, histórias de artistas, sua formação e suas práticas. E, em terceiro lugar, histórias da recepção dessa produção, tanto seu conteúdo estético quanto as críticas.

Na Parte 1 (Histórias de Academias – estratégias e ensino), temos alguns trabalhos sobre a Academia no Rio de Janeiro: um mapeia a historiografia recente (Sonia Gomes Pereira); outro aprofunda a questão do ensino (Cybele Fernandes) e outros ainda se debruçam sobre o período de sua instituição (Patrícia Telles e Elaine Dias). Os demais tratam de academias estrangeiras, como os casos dos Estados Unidos (Anna Marley) e de Portugal (Sílvia Almeida e Michela Degortes / Maria João Neto).

Na Parte 2 (Histórias de Artistas – formação e práticas), alguns autores debruçam-se sobre artistas ligados à Academia / Escola, tais como Modesto Brocos (Heloisa Capel), Eliseu Visconti (Ana Cavalcanti) e Quirino Campofiorito (Maria Luisa Távora). Outros abordam tipos específicos de ensino e seus modelos, na arte decorativa (Marize Malta) e no desenho (Dalila Cerqueira / Marina Menezes). Em contraponto a essas pesquisas brasileiras, aparece o tema da carreira dos pintores oficiais na França do século 19 (Alain Bonnet).

Na Parte 3 (Histórias de Recepção – estéticas e críticas), há alguns trabalhos sobre a questão do colecionismo, tanto no Brasil (Valéria Piccoli, Maraliz Christo), quanto na América Latina (Eva Cancino Fuentes). Há, ainda, investigações sobre a crítica de arte em periódicos (Rogéria de Ipanema) e sobre a

questão de modelos iconográficos, no Brasil (Fernanda Pitta) e na América Latina (Carolina Vanegas Carrasco).

Esse conjunto bastante diversificado de pesquisas dá conta de evidenciar algumas questões importantes. De um lado, os novos enfoques que têm prevalecido na historiografia recente em relação ao universo chamado de acadêmico. Por outro lado, revela os pontos de contato e diferença entre as experiências de diversos países: na Europa (França e Portugal), nos Estados Unidos e na América Latina.

Acreditamos que o exercício de observar os nossos objetos de estudo bem de perto não deve ser isolado do exercício contrário: a sua inserção num cenário mais amplo de trocas incessantes, especialmente no que diz respeito aos modelos – mentais, ideológicos, culturais, artísticos e acadêmicos.

É, portanto, com grande alegria que o grupo *Entresséculos* organizou e editou esse livro: uma prova do amadurecimento de uma trajetória de pesquisa e, também, a crescente abertura para parcerias inovadoras com colegas estrangeiros.

*Ana Cavalcanti*  
*Marize Malta*  
*Sonia Gomes Pereira*





HISTÓRIAS  
DE  
ACADEMIAS

ESTRATÉGIAS E ENSINO





# ESTUDOS SOBRE A ACADEMIA DE BELAS ARTES DO RIO DE JANEIRO: ESTADO DA QUESTÃO E REVISÃO HISTORIOGRÁFICA

Sonia Gomes Pereira

Nas últimas três décadas no Brasil, acompanhando o movimento geral de revisão historiográfica da arte do século XIX, o tema da academia retomou fôlego e tem suscitado grande número de pesquisas. Chegamos, assim, neste ano emblemático de 2016 – quando comemoramos os 200 anos da criação da nossa Academia – a um certo amadurecimento, conseguindo ter uma visão de conjunto destes estudos recentes.<sup>1</sup> Nela, podemos distinguir quatro vetores principais de interesses: a participação no projeto de construção da nação após a independência; a criação de um campo artístico para as artes plásticas, após o período colonial; o colecionismo da instituição; e a releitura da estrutura do ensino acadêmico, tanto a sua teoria quanto a prática.

Vamos começar pela participação da Academia no projeto de construção da nação durante o Império, seguindo a orientação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado em 1838.

Este é um projeto político, forjado por intelectuais da chamada Geração de 1830<sup>2</sup>, que visava, de maneira geral, dar à jovem nação uma genealogia

---

1 Seria impossível, aqui, fazer referência direta a essa literatura, fruto da ação de alguns grupos de pesquisa, em geral ligados a programas de pós-graduação em várias universidades, tais como: UFRJ, UFRRJ, UFJF, UNICAMP, UNIFESP. Parte dessas pesquisas pode ser encontrada nos anais dos colóquios do Comitê Brasileiro de História da Arte, que se encontram *on line*.

2 Tais como Domingos José Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto-Alegre, Francisco